

O trabalho em pauta: narrativas das jornalistas sindicalizadas no Tocantins

Labor work: the talk of unioned journalists in Tocantins

Jordanna de Sousa Parreira^a

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7181-930X>

Liliam Deisy Ghizoni^b

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1254-7455>

Recebido em: 06/03/2020. Aprovado em: 25/08/2020.

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as narrativas de um grupo de jornalistas do Tocantins acerca de suas vivências de prazer e sofrimento no trabalho. O aporte teórico faz uma intersecção entre a Comunicação e a Psicologia por meio do trabalho. Aconteceram dez sessões de escuta clínica do trabalho, em que participaram seis jornalistas. Observaram-se poucas fontes de prazer entre as participantes, destacam-se as possibilidades que o novo cenário do trabalho trouxe, como as mídias sociais e o empreendedorismo. Já os sofrimentos são vivenciados na totalidade das rotinas de trabalho das participantes, pelo processo de precarização da profissão, pelo sofrimento ético e patogênico e pelas várias violências laborais vivenciadas.

Palavras-chave: Trabalho. Narrativas. Jornalistas. Prazer. Sofrimento.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the narratives of a group of journalists in Tocantins about their experiences of pleasure and suffering at work. The theoretical basis establishes an intersection between the fields of Communication and Psychology through work. Six female journalists participated in ten sessions of clinical listening about their work. Few sources of pleasure were observed in the participants' narratives, among which we highlight the possibilities brought about by the new work scenario, such as social media and entrepreneurship. Suffering, on the other hand, is experienced by all participants in their work routines, due to the increasing precariousness of their profession, the ethical and pathogenic suffering and the various types of work violence experienced.

Keywords: Work. Narratives. Journalists. Pleasure. Suffering.

^a Universidade Federal do Tocantins, Programa de Mestrado em Comunicação e Sociedade e Psiqûe – Valorizando Pessoas. Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: jordannasparreira@gmail.com.

^b Universidade Federal do Tocantins, Programa de Mestrado em Comunicação e Sociedade. Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: ldghizoni@gmail.com.

Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado em comunicação, com o objetivo de analisar as narrativas de um grupo de jornalistas do Tocantins acerca de suas vivências de prazer e sofrimento no trabalho.

Justifica-se este estudo pelos dados de conjuntura do campo de atuação do Jornalista na contemporaneidade (FENAJ, 2019). As transformações do mundo do trabalho têm levado a profissão para a informalidade, a inexigibilidade do diploma e para o desemprego, como informa o levantamento do Volt Data Lab (2018). Por sua vez, no Tocantins, embora se tenha conhecimento das demissões, sobretudo após a pandemia do Covid 19, não se localizaram dados oficiais.

Destarte, esse cenário não aflige somente essa categoria profissional, segundo Viana, Munglioli e Figaro (2019) o desalento do desemprego, do trabalho intermitente, da precarização em si, com trabalhadores sem direitos e com baixos ou nenhum salário, afeta sobretudo os jovens, tanto os que têm qualificação, quanto os que não têm. Trata-se, portanto, de uma ampliação do precariado, um estrato social que vem crescendo não só no Brasil, mas também em países como: Itália, Espanha, Inglaterra, França, Portugal, Estados Unidos, dentre outros (ANTUNES, 2018).

Nota-se que o padecer das jornalistas, e aqui adota-se no feminino por valorizar a maioria da categoria profissional no Brasil e no mundo como pontua Figaro (2018a), é tamanho que a verbalização de seu sofrimento já se torna parte do cotidiano das trocas informais de corredores. A realidade narrada entre colegas e a vivência do relato de sofrimento fomentaram a curiosidade de analisar a realidade tocantinense dos profissionais do Jornalismo, sobretudo pelas autoras serem psicólogas e conviverem com as queixas de muitas jornalistas no mestrado em Comunicação e Sociedade.

Com esse panorama, este estudo parte de dois campos teóricos interdisciplinares: o da Comunicação, baseado no binômio comunicação-trabalho de Figaro (2008), e o da Psicologia, por meio da abordagem Psicodinâmica do Trabalho (PdT), desenvolvida por Dejours (1992).

Diante do exposto, a pergunta que norteia este artigo é: o que as jornalistas do Estado do Tocantins, vinculadas ao Sindicato dos Jornalistas do Estado do Tocantins (SINDJOR), narram sobre as vivências de prazer e sofrimento no seu trabalho?

Comunicação e Psicologia: Interseccionadas pelo Trabalho

O trabalho tem caráter ímpar e é influenciador na vida de todos os seres humanos. Isso se dá pela centralidade e importância na construção da identidade social do sujeito, e tornou-se uma máxima quando falamos de seres humanos, portanto, se aplicando à realidade do trabalho para os jornalistas.

O trabalho é o resultado da atividade humana voluntária mantida sob tensão, sendo submetido a determinadas condições e ambiente de trabalho, podendo ser executado em um posto de trabalho, como casa, em espaços públicos, em uma empresa ou organização, sendo submetido a determinadas condições e ambiente de trabalho (NEFFA, 2015). O autor continua afirmando que a aplicação do trabalho envolve objetos de trabalho (a matéria-prima, insumos e/ou informações), sendo eles trabalhados manualmente ou através de meios de produção (máquinas, ferramentas, *software*), cuja finalidade é atender às necessidades pessoais ou sociais. Para Figaro (2018a), através do olhar comunicação e trabalho, para a sobrevivência desse ser social, o fenômeno comunicacional aplica a visão sobre o mundo do trabalho e automaticamente sobre essas conceituações básicas.

Desse modo, o mundo do trabalho acaba sendo um lugar de múltiplas vozes, que por sua vez, nem sempre são convergentes, sabe-se, portanto, que é um lugar das subjetividades e dos conflitos (FIGARO; GROHMANN, 2017).

De acordo com Figaro e Silva (2020) vive-se um contexto de renovações nas práticas jornalísticas, que coloca esse profissional no olho do furacão e a área da comunicação acaba sendo um campo de ensaio importante para transformações ainda mais profundas. Para a autora, os dilemas vividos no mundo do trabalho do jornalismo não provêm dele mesmo somente, há uma lógica na circulação da informação interligada à valorização do capital que repercute na profissão do jornalista. Salienta a autora que a incorporação das tecnologias digitais implica uma lógica produtiva e de relações de trabalho que se voltam a atender às demandas do acesso prioritário à informação, o que reverbera no aumento do potencial de controle dos recursos e do poder para aqueles que já os detêm (FIGARO; SILVA, 2020).

O trabalho é uma realidade indissociável da vida humana. No movimento social contemporâneo, as atividades laborais são parte da trama narrativa da vida do sujeito. Nas últimas décadas, foram notórias as mudanças em torno dos aspectos sociopolíticos, demográficos e tecnológicos. Nota-se que o papel central do trabalho na construção das tramas relacionais sociais, de poder e de formação da identidade social, permaneceu

indissolúvel. O trabalho continua sendo um grande agente influenciador e modelador do cotidiano de todos os seres humanos e, por conseguinte, do seu convívio social (MOTTA, 2013).

Ao olhar o mercado com os olhos de Dal Rosso (2008), observa-se a necessidade da polivalência do sujeito, que leva o trabalhador contemporâneo a desdobrar-se em várias atividades, funções, trabalhos, sobrecarregando-se e vivenciando a intensificação do trabalho, em que o descanso não tem lugar (COSTA, 2010).

A polivalência das jornalistas pode ser observada no estudo de Figaro (2018a), em que ela pontua que mesmo as mulheres sendo maioria na profissão, elas sofrem com: discriminação de gênero, reduções de salários, sobreposição de tarefas, precarização do trabalho, formas de violências diversas, tais como assédio moral e sexual. E mesmo com todo esse cenário, a autora pontua que boa parte dessas profissionais têm procurado alternativas de trabalho na área do jornalismo, com qualidade e com pautas que versam sobre direitos humanos, gênero e feminismo. Trata-se, portanto, de um exercício profissional distante dos enquadramentos das empresas tradicionais de mídia (FIGARO, 2018a).

Desse modo, o jornalismo profissional vive uma crise que diz respeito às mudanças sofridas no desenvolvimento de suas atividades laborais perpassando por suas diversas formas de atuação, justificando essa precarização do trabalho com as condições econômicas que o país vive (FÍGARO; NONATO, 2017).

Destarte a comunicação, assim como o trabalho, são atividades fundantes do Ser social (FIGARO, 2018b). Nessa perspectiva crítica, da ontologia do Ser social, a autora questiona a limitação do fenômeno comunicacional ao estudo das mídias e nega a hipótese da linearidade comunicacional de um emissor ao receptor. Desse modo, o binômio comunicação-trabalho permite entender neste estudo, por meio das narrativas das jornalistas, o fenômeno comunicacional da materialidade das transformações sociais. Trata-se, portanto, de um estudo da comunicação no mundo do trabalho, com um diálogo com a abordagem francesa denominada Psicodinâmica do Trabalho (PdT), criada por Christopher Dejours na década de 80 em Paris, mas que chega ao Brasil em 1987 com a publicação da obra *A Loucura do Trabalho* (DEJOURS, 1992).

A PdT apresenta um olhar sobre as relações de trabalho e o sofrimento psíquico inerente a essas relações. Busca-se a promoção da saúde mental a partir dos processos de subjetivação e prazer (LHUILIER, 2011; GAMA *et al.*, 2016). A Clínica Psicodinâmica

do Trabalho analisa os processos psíquicos mobilizados pelo encontro entre o sujeito e as imposições geradas pela organização do trabalho (DEJOURS, 2011a).

Para a Teoria da PdT, proposta por Dejours (1992), o trabalho pode ser simultaneamente fonte de prazer e de sofrimento; um não exclui a existência do outro. São, portanto, indissociáveis. Para Mendes e Muller (2013, p. 290) “o trabalho contribui para subverter sofrimento em prazer” e vice-versa, dependendo das condições sociais, políticas e éticas da organização e dos processos de trabalho.

Dejours (1992) afirma que o trabalho possui um emprego psíquico que auxilia a constituição da identidade e da subjetividade humana, produzindo um espaço social de importância, reconhecimento, gratificação e de mobilização da inteligência.

Desse modo, o tema trabalho é central e vem sendo estudado com maior ênfase de forma interdisciplinar a partir dos anos 1980, buscando compreender e analisar o impacto dessa nova morfologia do trabalho que é influenciada pela reestruturação produtiva e econômica vivenciada no Brasil. Compreende-se que o trabalho é diretamente influenciado pelas relações capitalistas e o processo de sobrevivência social. Conforme Facas, Silva e Araújo (2013), o trabalho não se volta apenas a uma questão de sobrevivência, mas é algo essencial na formação da identidade, das relações sociais e para a saúde mental.

A centralidade do trabalho é também pautada por Figaro (2008), com o intuito de buscar compreender as complexas mudanças ocorridas no mundo do trabalho. Por isso o binômio comunicação e trabalho protagonizam este estudo, que é regional, trazendo peculiaridades do Tocantins, no norte do país, mas que reflete a realidade de sofrimento de muitas jornalistas mundo a fora.

O trabalho promove prazer no seu desenvolver, gerando assim saúde, mas a patologia também faz parte desse processo (DEJOURS, 2017). Pautadas nessa afirmação pode-se dizer que o prazer e o sofrimento, no universo do trabalho, são um constructo único.

Destarte, o tema trabalho faz a interlocução entre as duas grandes áreas Comunicação e Psicologia.

Percurso Metodológico

O Método adotado neste estudo é a Escuta Clínica do Trabalho, proposta por Mendes (2014), embasada na Psicodinâmica do Trabalho. Para a análise das falas durante

o processo de Escuta Clínica do Trabalho, lança-se mão da Análise Clínica do Trabalho (ACT) de Mendes (2012), juntamente com a Análise das Narrativas (MOTTA, 2013), visto que ambos os métodos tratam de interpretar as narrativas conscientes e inconscientes que envolvem as relações humanas – pois a vida humana é “uma teia de narrativas na qual estamos enredados” (MOTTA, 2013, p. 17). Na Figura 1 demonstra-se essa relação entre as duas áreas do saber, Comunicação e Psicologia, com os aportes metodológicos correspondentes.

Figura 1 - Aporte metodológico.



Fonte: Parreira (2019).

A comunicação narrativa aconteceu, neste estudo, a partir da relação entre as participantes e a pesquisadora, permeada por interpretações dos discursos a respeito de uma realidade vivenciada a partir de fenômenos concretos (MOTTA, 2013).

A Clínica Psicodinâmica do Trabalho tem como seu objeto a relação entre o trabalho e o trabalhar. Essa relação é o eixo principal da construção do sujeito, uma vez que ele se envolve no processo mostrando-se um sujeito ativo e dinâmico. Portanto, o foco de análise é pautado na organização do trabalho a partir de suas dimensões, sejam elas “visíveis e invisíveis, prescrita, cognitiva, afetiva, intersubjetiva, política e ética” (MENDES; ARAUJO, 2012).

Participantes

Para ir ao encontro das profissionais do Jornalismo no Tocantins e conhecer a realidade do trabalho vivenciado por elas, firmou-se uma parceria entre a Universidade Federal do Tocantins (UFT), por meio do Grupo de Pesquisa Trabalho e Emancipação:

Coletivo de Pesquisa e Extensão (CNPQ/UFT) e a empresa Psiquê, com o Sindicato dos Jornalistas do Tocantins (SINDJOR).

Esse caminho foi escolhido pelo fato da Presidente do SINDJOR ter cursado o Mestrado em Comunicação na UFT e ter relatado várias situações enfrentadas pela categoria no Estado. Juntou-se a esse fato a relação das pesquisadoras com várias jornalistas, por formação profissional, que traziam queixas sobre o sofrimento vivenciado no exercício profissional, sobretudo as dificuldades com emprego e renda diante da conjuntura atual, no decurso do mestrado na UFT.

Desse modo, via SINDJOR, chamou-se a categoria para uma reunião de sensibilização para a escuta clínica do trabalho. Quinze pessoas se inscreveram de forma *on line* e no dia da sensibilização (07/03/2019) compareceram oito jornalistas. Entretanto, o grupo formado contou com a participação de seis jornalistas na maior parte dos encontros, mas vale ressaltar que houve oscilações de frequência no decorrer das sessões. Registre-se, portanto, que o grupo se formou em sua totalidade por mulheres.

Durante todas as etapas da pesquisa foram seguidos os mais rígidos procedimentos éticos, com a responsabilidade de manter a privacidade dos participantes em absoluto sigilo.

Quadro 1 - Perfil das participantes

Sexo	Idade	Escolaridade	Função	Tempo de trabalho como Jornalista	Horas de trabalho diárias	Sindicalizada
F	27	Jornalista Cursando Mestrado	Assessora de Imprensa e Estudante	8 anos	Até 6h	Sim
F	29	Jornalista com Especialização	Assessora de Imprensa e Gerente de redes	4 anos e 3 meses	9 a 12h	Sim
F	38	Jornalista com Especialização	Assessora de Comunicação	9 anos e 10 meses	9 a 12h	Sim
F	43	Jornalista com Especialização	Desempregada	14 anos	Não informou	Não informou
F	43	Jornalista Cursando Mestrado	Profissional Autônoma e Estudante	5 anos	Não informou	Sim
F	46	Jornalista com Especialização	Gerente de Matérias Legislativas	25 anos	9 a 12h	Sim

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020)

100% jornalistas mulheres! Dado que confirma a afirmação de Figaro (2018a), uma virada que ocorreu com a categoria no início dos anos 2000, pois até então, segundo a autora, a profissão era majoritariamente masculina.

Observa-se que nenhuma das participantes atua na chamada grande mídia no momento, bem como não atuam como repórter, o que poderia ser considerado o esperado diante da formação profissional, pois todas são jornalistas formadas. Entretanto, entre as participantes, três já atuam como repórter na grande mídia, inclusive relatos dessas experiências passadas vieram à tona nas narrativas.

Quanto à idade, o perfil das participantes destoa da pesquisa da FENAJ (2012) e a maioria tinha até 30 anos, mas concorda com a maioria serem mulheres. Quanto à formação, os resultados vão ao encontro da pesquisa da FENAJ (2012), pelo fato das participantes serem diplomadas em Jornalismo.

Análise Clínica e das Narrativas das Jornalistas

Neste estudo utilizou-se o método disposto por Mendes (2014), embasado na PdT. Percebe-se que a busca desse método é o resgate do protagonismo dos atores que não percebem a importância do seu papel nessa dinâmica social que é o trabalho, e ao possibilitarem essa descoberta, possam manifestar e identificar o papel de agente de transformação no decorrer do processo. Mendes (2014, p. 65), nomeou como “escuta analítica do sofrimento e o saber-fazer do clínico no trabalho”, desse modo definiu três eixos estruturantes para a escuta acontecer:

Quadro 2 - Como acontece a Escuta Clínica do Trabalho

Eixo I	Os dispositivos para a escuta clínica do sofrimento, sendo eles: - Análise da demanda - Transferência - Interpretação
Eixo II	Formação do clínico
Eixo III	Supervisão clínica

Fonte: Parreira (2019).

Vale ressaltar que como instrumento para escuta utilizou-se: *google docs*; *google drive*; grupo no *WhatsApp*; gravação e transcrição das sessões; diário de campo; quadro síntese; memorial, e questionário de levantamento de perfil dos participantes. Como forma de análise e preparação das sessões pelo coletivo de pesquisa utilizou-se a Análise Clínica do Trabalho de Mendes e Araújo (2012), que descreve como fazer a Análise da Psicodinâmica do Trabalho através dos seus três eixos: Organização do Trabalho; Mobilização Subjetiva, e Sofrimento, defesas e patologias.

Pela Comunicação utilizou-se do binômio comunicação-trabalho de Fíguro (2008), que subsidia o estudo nas relações comunicacionais essenciais ao trabalho.

A Análise Clínica do Trabalho foi utilizada na estruturação semanal das narrativas servindo como um norteador para o próximo encontro e a Análise das Narrativas foi utilizada após finalizar os Encontros da Escuta Clínica do Trabalho.

Resultados e Discussões

Todas as participantes descreveram desconfortos físicos que acreditam estarem relacionados à dinâmica de trabalho. Os sintomas mais recorrentes são os sentimentos de tensão e desânimo (66%), seguidos pelo percentual de incidência de 50% de inquietação; desatenção; dificuldade para se concentrar; fadiga; angústia; sentimento de culpa; sensação de fraqueza, e compulsão alimentar. Nota-se que 50% das participantes afirmam achar correlação dos sintomas com o trabalho de jornalista, 33% afirmam não achar umnexo causal e 16% não opinaram. Quando questionadas se os sintomas apresentados poderiam ter sido agravados pelo trabalho, 66% afirmam que sim e 16% não opinaram.

Reimberg (2015), cita em seu estudo o fato de a tensão ter sido adotada nas décadas de 80 e 90 como propulsora de extração da produtividade. Ao que parece, persiste nos dias atuais, intensificada pelo uso das tecnologias tem tempo integral, dentro e fora do trabalho. Segue, portanto, sendo uma marca do jornalismo, como pontua a referida autora.

Vale destacar que os demais sintomas citados pelas participantes têm correlação com a falta de apoio social e falta de reconhecimento, além do cansaço crônico, que advém da sobrecarga e da intensificação do trabalho, como pontua Seligmann-Silva (2011).

A seguir, descreve-se a psicodinâmica do trabalho, feita pelo coletivo de pesquisa na preparação de cada encontro. Na sequência, apresenta-se a análise das narrativas das participantes sobre a realidade do trabalho das jornalistas.

Análise da psicodinâmica do trabalho

A organização do trabalho das jornalistas está passando por diversas mudanças nos tipos de tarefas, mas existe um padrão no desenvolvimento das atividades, resumida por esta frase de uma das participantes: *“a gente dividia muito entre assessoria de*

imprensa e redação, e aí na redação têm editor, repórteres, apresentadores, um monte de coisa” (1ª sessão, 14/03/2019).

Segundo Antunes (2009; 2014; 2018), a sociedade contemporânea passou por diversas transformações, atingindo diretamente a ação humana. Influenciado pelo neoliberalismo e pela reestruturação produtiva do capital, o sujeito está mergulhado na sociedade do consumo, desencadeando a era da acumulação flexível, cujos resultados têm sido nefastos: desemprego, precarização do trabalho, relação comprometida entre o homem e a natureza, entre outros. Nota-se essa realidade nos relatos das jornalistas participantes ao afirmarem, por exemplo:

[...] passei uma época que eu não tinha vida! Eu nem sabia quem era, eu só vivia trabalho, trabalho, eu tenho que ganhar dinheiro! Tenho que ganhar dinheiro porque eu tenho que comprar isso, resolver isso... Menino tá precisando disso então eu quero dinheiro, dinheiro (...) cobranças sociais pelo sucesso financeiro [...] não é muito fácil subir porque o subir está atrelado a um sofrimento (7ª sessão, 02/05/2019).

Nesse contexto, observa-se o acúmulo de tarefas e a autoaceleração como formas de tentar fazer mais e mais em busca do reconhecimento. Observa-se ainda que a divisão do trabalho é vista como sofrível, mas que, por falta de opção profissional, muitas vezes, é o único caminho de alguns profissionais da classe: *“E a assessoria de imprensa já é ‘ou você assessora ou morre’ lá na empresa”, “a (empresa) é uma vitrine, se você quer aparecer, se você quer deslanchar, é lá que você tem de trabalhar! Mas aí você se prepara pra deixar a alma” (1ª sessão, 14/03/2019).* Quando falam das empresas privadas que empregam jornalistas, relatam as dificuldades que a classe enfrenta com a divisão das tarefas e a sobrecarga.

Notam-se igualmente relações corrompidas pela vaidade e pela desunião da classe trabalhadora. A ditadura do sucesso, imposta pela desvinculação do coletivo, permeia as relações, reforçando o egocentrismo. Os pares não somam forças, e sim travam uma competição em prol dos interesses individuais. Ademais, nota-se que o relacionamento entre pares se dá muitas vezes de forma patogênica, isto é, gerando sofrimento ético. Dejours (2011b, p. 307) assegura que *“sem o reconhecimento, não pode haver nem prazer, nem reapropriação em relação à alienação. Sem reconhecimento só há sofrimento patogênico e estratégias defensivas, sem reconhecimento, haverá inevitavelmente desmobilização”.*

Segundo Amaral (2018), o reconhecimento através da validação do trabalho realizado pelo olhar do outro é importante para a estruturação interna do sentido do

trabalho, permitindo que o sofrimento se transforme em prazer. Portanto, a ausência desse reconhecimento entre pares ou superiores, como relatado pelas participantes, fomenta ainda mais o sofrimento dos jornalistas. Sem o reconhecimento, aparece a dúvida quanto à relação com o real, podendo levar à desestabilização da identidade. O discurso de que os outros colegas de classe acabam fomentando o processo de precarização do trabalho dos jornalistas ficou evidenciado, especialmente em relação ao acúmulo de funções, para conseguir fazer parte de uma empresa privada, e o fato de terem que se adaptar a uma carga horária maior que o já estabelecido via sindicato, situações impostas pelos pares jornalistas quando estão em posição de chefia.

Destaca-se que a identidade profissional, da categoria jornalistas, é importante de ser tratada, pois observa-se um mal-estar das jornalistas diante das relações de trabalho vivenciadas, nota-se uma desvalorização da profissão, bem como pouca representatividade da categoria nas entidades profissionais, tal como a pesquisa da FENAJ (2012) pontuou, 74,8% dos participantes não eram filiados a sindicatos, por exemplo. Esse isolamento e individualismo, diante de todo o cenário de precarização, podem sim corroborar para o aumento do sofrimento.

Nota-se a submissão a uma rotina precarizada do trabalho que, muitas vezes, está impregnada pelo medo da demissão ou desligamento. Com a desunião da classe, sempre haverá alguém que irá se submeter ao contexto.

[...] não podemos nos prostituir, mas como muitas pessoas aceitam valores pelo trabalho que pagam pouco, acabam pegando mil e uma coisas (2ª sessão, 21/03/2019).

É notório o medo nos profissionais frente às exigências técnicas atuais para o desenvolvimento do trabalho assim como para ousar sair do tradicional e se aventurar no novo. Silva (2014) afirma que o jornalista é um profissional que por força da exigência, deve estar sempre munido de informações e checá-las incansavelmente. O jornalista é um profissional que deve ser desconfiado, que deve exercitar sempre o poder de questionamento. É quase um treinamento psicológico, como os realizados em agentes de segurança e militares antes da guerra.

Nesse contexto, a nova razão no mundo do trabalho baseia-se na lógica empresarial e empreendedora introjetada na subjetividade onde o indivíduo é “obrigado” a se tornar autogestor de seu trabalho. O empreendedorismo apresenta-se como uma forma de buscar renda, mas esse processo nada mais é do que parte da precarização das relações do trabalho e promove desconforto e medo.

Sabe-se que do sofrimento fomentam-se formas de enfrentamento e de engenhosidade, tornando criativo o que acontece quando a organização do trabalho permite que o trabalhador transforme sua vida laboral com atos criativos, promovendo saúde (MORAES, 2013). No caso do grupo de participantes, evidenciou-se que um caminho para enfrentar o problema da empregabilidade do Brasil e as violências sofridas no cenário do trabalho seria arriscando “[...] *empreender... por que não?*” (2ª sessão, 21/03/2019).

Nesse contexto, o corpo humano pode sucumbir ao sofrimento imposto pelas relações doentes. O sofrimento, para a PdT, “é a busca subjetiva para agir sobre o mundo encontrando meios de superação da resistência do real” (AMARAL, 2018, p. 34). Destarte, diferente do que Reimberg (2015) observou em seu estudo, a escrita em si não foi uma fonte de sofrimento para as participantes, mas semelhante aos achados da autora citada, as participantes também relatam dificuldades com o ritmo de trabalho e com as práticas jornalísticas.

Por fim, foram observadas poucas fontes de prazer entre as participantes, entretanto, destacam-se as possibilidades que o novo cenário do trabalho trouxe, sobretudo com as mídias sociais e o empreendedorismo.

[Análise das narrativas](#)

Esta análise busca localizar os mitos, fábulas, valores subjetivos, intersubjetivos, ideológicos, culturais e políticos da sociedade em que os personagens então inseridos. Apresentam-se a seguir as narrativas das jornalistas participantes nas primeiras e nas últimas sessões da pesquisa (cujo total foi de onze encontros), agrupadas em nuvens de palavras, onde o tamanho da palavra indica a incidência da repetição.

Como pode-se notar na nuvem de palavras abaixo (figura 3), nos primeiros encontros as narrativas estavam carregadas de sentimento de amor pelo trabalho, mas ainda com muita dificuldade em lidar com os absurdos que acontecem nas rotinas de trabalho. As violências contra o corpo e as violências psicológicas são nomeadas como assédio. Nota-se que os profissionais vivem em ambientes de ameaça, onde o desrespeito ao profissional coexiste com a organização do trabalho.

Estes dados vão ao encontro do estudo de Reimberg (2015) que, ao entrevistar jornalistas, observou que os participantes relatavam: dores, adoecimento, assédio moral, estresse, riscos, violência, álcool e drogas. O assédio sexual e a violência em si são citados

Tais narrativas podem fazer parte de um processo de defesa protetora, mesmo que instintivamente. Essa estratégia de defesa, segundo Moraes (2013), são os recursos que os trabalhadores podem alçar mão, de forma individual ou coletiva, para enfrentar e minimizar o sofrimento no trabalho, fornecendo à psiquê humana proteção. Por meio das estratégias defensivas notamos que o trabalhador não se torna passivo no processo de adoecimento. É um mecanismo psicológico inato que se empenha para manter o equilíbrio cognitivo. As estratégias de defesa são a negação e a racionalização. Vale esclarecer que essas defesas, segundo Dejours (2011a), podem ser exploradas pela organização do trabalho conduzindo o trabalhador à alienação.

Esse comportamento atenua o sofrimento e atua como mola para manutenção do equilíbrio entre a loucura e a sanidade. Observa-se o desejo de levar adiante o que foi vivenciado ao longo da breve história do grupo da pesquisa. As participantes mobilizadas falam das suas dores, reconhecem o sofrimento geral da categoria e lamentam a sublimação dos colegas e a defesa da exploração, que banalizam a realidade da classe. Observa-se também uma reação otimista e positiva de mudança nos próprios medos e bloqueios das participantes, na tentativa de mudar a sua realidade de trabalho. Como deliberação do grupo, aprovou-se a proposta de tentar levar as vivências para fora e tentar melhorar a realidade externa com ações via sindicato.

Nas últimas sessões, as narrativas giraram em torno da importância de auxiliar o outro no processo de tomada de consciência dos demais colegas da profissão, que, muitas vezes, sublimam suas emoções como uma forma de defesa e enfrentamento, mas que padecem internamente e também são violentados pelos personagens que integram o mundo do trabalho.

pelos mais próximos, como relatado nas sessões, permanece sendo valioso, como as pequenas mobilizações de acolhimento e as tentativas de aproximação dos colegas que sabidamente estão passando por dificuldades financeiras ou emocionais.

Considerações finais

Durante as análises das narrativas das jornalistas, foi possível refletir sobre a realidade do trabalho e sobre o quanto é sofrível o processo de transformação que essa profissão vive. A organização do trabalho dos jornalistas, segundo a visão do coletivo pesquisado, está padecendo as mudanças impostas pelo mundo descolonial, pós-moderno e neoliberal em que o liberalismo se torna a fonte de sofrimento patogênico, visto que a flexibilidade excessiva dos vínculos trabalhistas e das rotinas de trabalho fogem do controle e do imaginário humano.

Conclui-se, assim, que, obliteradas pelos traços de colonialidade predominantes nas relações laborais, as vivências de prazer na profissão jornalística estão escassas. O decantado dinamismo da profissão acaba se tornando também sofrimento, o que comprova que o prazer e o sofrimento são indissociáveis nas relações de trabalho. O coletivo de profissionais que deveria fortalecer os vínculos, se tornou agente de promoção da escravização e da punição dos pares através da violência psicológica institucionalizada e banalizada pelos mecanismos de defesa. Esse processo tem adoecido os trabalhadores de modo geral, no mundo contemporâneo, pelo processo de exploração promovido pela organização do trabalho, e em particular os jornalistas.

Na análise das narrativas do grupo das jornalistas participantes para averiguar a psicodinâmica do trabalho, nota-se que a Organização do Trabalho está sofrendo mudanças contínuas. O laborar ensinado nas faculdades não é mais suficiente para ser reconhecido no desempenho do trabalho. A sobrecarga de trabalho e a diminuição dos postos ocupacionais é uma realidade. O desemprego é uma possibilidade que amedronta muito as jornalistas. A comunicação não é mais a mesma. Em decorrência desse cenário, o sofrimento inerente ao trabalhar apresenta-se nos relatos através do sofrimento ético: aceitar propostas abaixo do mercado, assinar reportagens cuja forma de construção muitas vezes não concordam ou até mesmo, no caso das mulheres, conviver com a violência sexual, forçadas pelo medo do desemprego.

Atualmente, notam-se poucas fontes de prazer na jornada de trabalho das jornalistas participantes do grupo, entre as quais as muitas possibilidades que o novo

cenário do trabalho trouxe, como as mídias sociais e o empreendedorismo bem-sucedido. Já os sofrimentos são vivenciados na totalidade das rotinas de trabalho do jornalista, pelo processo de precarização da profissão, pelo sofrimento ético e patogênico e pelas várias violências laborais vivenciadas.

Como destinações dos sofrimentos, as participantes do grupo costumam buscar ajuda junto aos familiares ou buscam profissionais especializados em saúde mental, como psicólogos ou psiquiatras. A busca do apoio no coletivo não acontece, segundo as participantes, pelo medo da reação dos colegas. O receio de se tornar alvo de piadas ou da banalização do sentimento as paralisa diante do coletivo de jornalistas, e então preferem buscar a rede de apoio que possuem fora no ambiente profissional.

Referências

AMARAL, Grazielle Alves. **Escuta clínica do sofrimento e mobilização subjetiva de professores readaptados**. 2018. 234 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho e suas principais manifestações. *In*: MENDES, Ana Magnólia (Org.). **Trabalho & sofrimento**: práticas clínicas e políticas. Curitiba: Juruá Editora, 2014. p. 25-45.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

COSTA, J. A. De Sadi Dal Rosso, Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea (São Paulo: Boitempo Editorial, 2008). **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 371-375, 2010

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, Oboré, 1992.

DEJOURS, Christophe. Addendum. *In*: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Udal (Org.). **Christophe Dejours**: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011a, p. 57-124.

DEJOURS, Christophe. A metodologia em psicodinâmica do trabalho. *In*: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Udal (Org.). **Christophe Dejours**: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Brasília: Paralelo 15; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011b, p. 125-150.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho**: casos clínicos. Porto Alegre: Editora Dublinense, 2017.

DOS ANJOS, Felipe Burle, MENDES, Ana Magnólia; SANTOS JÚNIOR, Adalberto Vital; FACAS, Emílio Peres. Trabalho prescrito, real e estratégias de mediação do sofrimento de jornalistas de um órgão público. **Sistemas & Gestão**, Niterói, v. 6, n. 4, p. 562-582, 2012.

FACAS, Emílio Peres; SILVA, L. M da.; ARAÚJO, M. A. S. Trabalhar. *In*: VIEIRA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (org.). **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba, PR: Juruá Editora, 2013. p. 461-465.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Governo Bolsonaro age para destruir Jornalismo com MP inconstitucional**. Nota Oficial. Brasília, 13 nov. 2019. Disponível em: <https://fenaj.org.br/governo-bolsonaro-age-para-destruir-jornalismo-com-mp-inconstitucional/>. Acesso em: 18 nov. 2019.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Quem é o jornalista brasileiro: perfil da profissão no país**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, 2012. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/pesquisa-perfil-jornalista-brasileiro.pdf> Acesso em 07 maio 2020.

FÍGARO, Roseli. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008.

FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional. **Braz. journal Res**, Brasília-DF, v. 14, n. 2, p. 570 – 591, ago. 2018a.

FIGARO, Roseli. Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas. **Galaxia**, São Paulo, *online*, n. 39, p. 177-189, set-dez. 2018b, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-255435905> Acesso em 07 maio 2020

FIGARO, Roseli; SILVA, Ana Flávia Marques da. A comunicação como trabalho no Capitalismo de plataforma: O caso das mudanças no jornalismo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 101-115, abr./jul. 2020.

FIGARO, Roseli; GROHMANN, R. Dispositivos comunicacionais no mundo do trabalho: uma revisão teórica para operacionalizar o conceito. **Comunicação & Inovação**, v. 18, n. 38, p. 62-75, set-dez, 2017.

FÍGARO, Roseli; NONATO, Cláudia. Novos ‘arranjos econômicos’ alternativos para a produção jornalística. **Contemporânea: Comunicação e Cultura**: Bahia, v. 15, n. 1, p. 47-63, 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/21451/14492>. Acesso em: 28 dez. 2018.

GAMA, Laene Pedro; MENDES, Ana Magnólia; ARAUJO, Jane Pereira; GALVÃO, Murylo Galy Argôlo; VIEIRA, Fernando Oliveira. Ressignificação do sofrimento: clínica do trabalho em um hospital escola. **Revista Laborativa**, Assis, v. 5, n. 1, p. 38-63, abr. 2016.

- LHUILIER, Dominique. Filiações teóricas das clínicas do trabalho. *In*: BENDASSOLLI, Pedro Fernando; SOBOLL, Lis Andrea Pereira (Org.). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 22-58.
- MENDES, Ana Magnólia. Escuta Analítica do Sofrimento e o saber-fazer do clínico no trabalho. *In*: Mendes, Ana Magnólia (Org.). **Trabalho & Sofrimento: práticas clínicas e políticas**. Curitiba: Juruá, 2014, p. 65-80.
- MENDES, Ana Magnólia; ARAÚJO, Luciane Kozicz Reis. **Clínica psicodinâmica do trabalho: o sujeito em ação**. Curitiba: Juruá. 2012.
- MENDES, Ana Magnólia; ARAÚJO, Luciane Kozicz Reis. Violência e sofrimento ético: contribuições da psicodinâmica sobre a violência no trabalho. *In*: MENDES, Ana Magnólia (Org.). **Violência no trabalho: perspectiva da psicodinâmica, da ergonomia e da sociologia clínica**. São Paulo: Mackenzie. 2010, p. 91-106.
- MENDES, Ana Magnólia; MULLER, Thiele da Costa. Prazer no Trabalho. *In*: VIEIRA, Fernando de Oliveira (org.) **Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba, PR: Juruá Editora, 2013, p. 289-292.
- MENDES, Ana Magnólia; MORAES, Rosângela Dutra; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. (Org.). **Trabalho e Sofrimento: práticas clínicas e políticas**. Curitiba: Juruá. 2014.
- MORAES, Rosângela Dutra. Sofrimento criativo e patogênico. *In*: IERA, Fernando de Oliveira; MENDES, Ana Magnólia; MERLO, Álvaro Roberto Crespo (Org.). **Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013. p. 416-419.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.
- NEFFA, Júlio César. El trabajo humano y su centralidad. *In*: NEFFA, Júlio César. **Los riesgos psicosociales en el trabajo: una contribución a su estudio**. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Centro de Estudios e Investigaciones Laborales - CEIL-CONICET. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321110452_Los_Riesgos_Psicosociales_en_el_Trabajo_Una_Contribucion_a_su_Estudio. Acesso em 08 maio 2020.
- PARREIRA, Jordanna de Sousa. **O trabalho em pauta: a fala das jornalistas sindicalizadas no Tocantins**. 2019. 151f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019.
- REIMBERG, Cristiane Oliveira. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho**. 2015. 376 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Comunicação e Artes, Programa em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ROSSO, Sadi Dal. **Mais trabalho!** : a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Edite. **Trabalho e desgaste mental:** o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.

VIANA, C. E.; MUNGIOLI, M. C. P.; FÍGARO, R. A formação do educador: desafios de uma nova profissão no contexto das transformações do mundo do trabalho. **Comunicação & Educação**, Ano XXIV, v. 2, jul/dez, p. 26-37, 2019.

VOLT DATA LAB. Demissões de jornalistas por veículo no Brasil 2012-2018. **A conta dos passalhos:** Um panorama sobre demissões de jornalistas nas redações do Brasil desde 2012. Disponível em: <http://passalhos.voltdata.info/graficos.html>. Acesso em: 07 maio 2020.

^a Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Especialista em Neuropsicologia Clínica pelo Instituto Brasileiro de Neuropsicologia IBNEURO e em Gestão de Pessoas pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade pela UFT. Membro do grupo de pesquisa no CNPQ Trabalho e Emancipação: Coletivo de Pesquisa e Extensão. Responsável pela equipe de Psicologia da Psiquê e Justiça Federal do Tocantins. Psicóloga Clínica e Organizacional, estudiosa do comportamento com atuação em desenvolvimento humano e análise de perfil comportamental.

^b Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT) Campus Universitário de Palmas, no Curso de Administração e no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM). Doutora em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações na UnB com Estágio Sanduíche na Université Catholique de Louvain la Neuve - Bélgica. Pós-doutorado no Programa de Administração da Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Educação (área de Educação e Trabalho) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Saúde Mental pela FIOCRUZ. Psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí, graduação em Estudos Sociais pela Universidade do Vale do Itajaí. Membro do NESol/UFT. No CNPQ é líder do Trabalho e Emancipação: coletivo de pesquisa e extensão (UFT), é também membro do Grupo de Pesquisa ESCOPO (UFF). Membro do GT Psicodinâmica e Clínica do Trabalho na ANPEPP. Desde 2016 é Editora Geral da Revista Trabalho (En)Cena.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.